

**Da arquitetura a leitura marginal:
fundamentos cotidianos da formação da identidade apenada***

HELMANO DE ANDRADE RAMOS¹

MARINALVA VILAR DE LIMA²

A visita se estabelece. É o dia da semana mais esperado pelos apenados. É o dia de Gloria.. É o dia em que podem usufruir a visita íntima, em que entra comida diferente, entra dinheiro... em que o preso vai sanar suas dívidas, fica sabendo como estão alguns parentes e pessoas com as quais ele ainda possui algum vínculo; pode ver os filhos, fazer refeições e brincar com estes, enfim, assumir em parte outra identidade, ainda que em caráter de grande efemeridade. É, também, o dia de lidar com ilícitos e, assim, fazer o abastecimento de produtos que estiverem faltando na Penitenciária. Para isso, as articulações com os agentes de transportes (normalmente ex-detentos) e com os próprios oficiais têm que funcionar, justamente para auxiliar a entrada de produtos para alguns e a interdição para outros. Os domingos e, principalmente, as quartas-feiras são dias a que os apenados destinam toda uma atenção especial e cuidam de respeitar e fazer serem respeitadas as regras estabelecidas, propriamente, para o dia da visita. Nosso olhar estar atento, buscamos entender o trançado simbólico fabricado pelos artífices do/no cotidiano carcerário³.

O período da visita (a que os apenados se referem como “o dia da visita”) se dá entre o horário de 12h (meio-dia) às 16h, tanto nas quartas-feiras, quanto aos domingos, havendo a diferenciação de, às quartas-feiras serem destinadas para as visitas íntimas e, os domingos, ao acesso mais geral de visitantes, portanto, aberta a todos. “O dia de visita” merece atenção específica pelo fato de criar uma situação distinta na rotina carcerária, colocando os apenados em contato com o mundo externo. Esse articula todo um conjunto de relações no interior da

* O texto condensa as análises que estão sendo desenvolvidas por Helmano de Andrade Ramos na monografia de conclusão de curso, sob orientação de Marinalva Vilar de Lima.

¹ Aluno do curso de História da UFCG, com previsão de conclusão no semestre 2008.1.

² Professora da Unidade Acadêmica de História e Geografia da UFCG. Doutora em História Social pela USP. Atualmente desenvolve pesquisa em nível de Pós-doutorado junto ao Programa de Pós-graduação em História da USP.

³ A primeira visita que fizemos ao Complexo Penitenciário do Serrotão, mais especificamente ao *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, em dia de visita, se deu em 07 de agosto de 2005. Portanto, estávamos sob forte emoção embora já tivéssemos começado o trabalho poucos meses atrás, em caráter provisório, no Presídio do Monte Santo, Instituição Penitenciária localizada na mesma cidade (Campina Grande-PB), tendo, nesta oportunidade, dialogado com apenados sobre questões que viriam a ser norteadoras da pesquisa. Ressaltamos que, inicialmente, tínhamos como foco a análise das imagens tatuadas nos corpos dos apenados, passando a ampliar os horizontes do estudo depois da frequência com que passamos a visitar o Complexo Penitenciário do Serrotão. Registro, também, que nas muitas idas e vindas à Penitenciária sempre fomos bem recebidos, o que contribuiu para que o trabalho pudesse ta sendo desenvolvido sem maiores percalços.

Instituição, sendo estrategicamente “planejado”, por parte de sujeitos com interesses e expectativas variadas, resulta, portanto, de um conjunto de ações que colidem para o êxito do acontecimento. Nesse sentido, temos que “o dia de visita” é um momento em que são postos em práticas modelos comportamentais pré-postos, teatralizando atitudes, gestos, palavras. Situação balizada por um cem números de olhares: vigilantes, tensos, ansiosos, temerosos, decepcionados. Há expectativas várias, inclusive a principal: confirmação de visita.

É, ao que pudemos observar, um momento rico para se analisar, em que todo um conjunto de relações entra em jogo para intermediar os movimentos de apenados, visitantes, direção. Circunstância em que são produzidos identidades e saberes próprios.

Adentrar no Complexo Penitenciário do Serrotão nos remete a um segundo nível de espacialidade, aquele que diz respeito à arquitetura física e simbólica que lhe dá sentido e que estabelece sentidos para os detentos que o integram. Havendo que se considerar a espacialidade do Complexo Penitenciário, em geral, e, especificamente, a arquitetura do Presídio Regional Agrícola. Em face de nosso estudo se deter na leitura das relações que se desenvolvem no Presídio foi que destinamos maior atenção à sua espacialidade, ainda que consideremos as articulações que ocorrem em âmbito mais amplo.

A descrição da espacialidade da Penitenciária do Serrotão, que realizamos a seguir, objetiva permitir ao leitor, tanto àquele que já tenha visitado uma prisão, quanto aos que nunca tiveram a oportunidade de fazê-lo adentrar, ainda que a partir de nosso “olho”, na intrincada articulação que se estabelece entre a espacialidade física e simbólica que estrutura as relações no interior do cárcere.

O *Presídio Regional Agrícola do Serrotão* é composto de uma entrada, com acesso exclusivo pelo portão principal, que tem em seu lado esquerdo, no sentido da entrada, o corpo da Guarda dos Agentes que faz a “revista” dos visitantes em dia de visita e, nos demais dias, controla a entrada e saída de detentos, familiares e público em geral. À direita localiza-se o Corpo da Guarda da Polícia Militar, que funciona em sistema de plantão para agir em qualquer eventual situação. Em sentido frontal tem-se o portão que dá acesso ao sistema seguro, uma grande área arborizada onde os detentos recebem visitas, trabalham e tomam banho de sol. Em sentido da extrema esquerda para a extrema direita encontram-se as estruturas funcionais que são o Pavilhão individual 1, perto do muro que divide o *Presídio Regional Agrícola do Serrotão* da *Penitenciária Máxima*, onde existe uma passagem para agentes e, mesmo, para transferência de detentos. A primeira estrutura é a cela da caixa d’água, controlada por um detento, e um pequeno espaço vazio que serve como campo de futebol. Atrás deste têm-se, primeiro, as celas do seguro

e do isolado, contendo duas celas cada um (seguro e isolado), com funcionamento em um mesmo bloco.

À frente do pavilhão 1 está localizada a enfermaria que contém seis celas (mas geralmente os detentos ficam soltos, podendo circular no seguro), um espaço para depósito de alimentos e medicamentos e uma sala de atendimento médico e distribuição de medicamentos e receitas. De frente à enfermaria e ao lado do pavilhão 1 encontra-se o pavilhão dos albergados, em uma estrutura de galpão sem grades, contendo um compartimento onde funciona um pequeno comércio em dias de visitas e que serve para guardar os colchões dos detentos. Neste espaço, no período da manhã, funcionava a mini-marcenaria, a tarde funciona a escola e a noite serve para receber os detentos do sistema semi-aberto, durante a semana, com entrada sempre às 18:30 e saída iniciada às 6:30, ficando aberto nos finais de semana. À frente, ainda mais ligada estruturalmente, funcionam celas individuais, basicamente três que servem para alojar detentos que, por questões de segurança, não podem estar em convívio com os demais. No lado esquerdo destas tem-se a Igreja evangélica, sempre aberta, exceto à noite. Nesta ocorrem reuniões às quartas-feiras e aos domingos, contando com a presença dos familiares dos apenados convertidos. Ao lado (esquerdo) desta encontram-se, em proporções maiores, as celas funcionais para detentos que trabalham a serviço da direção. Aí se encontra a cela destinada para a criação de galinhas. À frente desta existe um bloco de três celas com detentos da oficina de panificação e o barbeiro. Ao lado uma outra cela ocupada pelo chefe da musculação. Em outro bloco semelhante encontram-se celas ocupadas pelo responsável pela iluminação, através da casa de força, e por detentos do setor administrativo, etc. O que leva a pensar/perceber que todas as atividades da penitenciária são efetuadas por detentos. Essas celas antes eram habitadas por policiais de plantão, mas, por questões que dizem respeito à própria manutenção interna, se fez necessário a colocação de detentos nesses compartimentos, permitindo tanto sua proximidade com o trabalho, como o distanciamento da massa apenada.

No seguro, ainda se tem a chácara da Penitenciária, sob chefia de um detento que realiza o trabalho com a ajuda de mais dois detentos. Aí são cultivadas verduras, batatas-doce, macaxeira, etc; se criam galinhas e patos, tudo em baixo nível de produção. Em se tratando de uma Penitenciária Agrícola, cuja função é (re)socializar pelo trabalho na terra, observa-se que esse tipo de atividade é inexpressivo. Ao lado direito da chácara há uma quadra de futebol, apenas para os detentos do seguro, já próximo ao portão que divide esse espaço da favela. A quadra é pouco utilizada em virtude de que a maior parte trabalha e devido as constantes trocas de ameaças e xingamento entre os detentos, mesmo tendo a direção à frente da quadra, o que não intimida alguns deles.

A parte administrativa, sob funcionalidade apenada, de agentes e pessoas contratadas, se faz composta pelo setor pessoal, onde o detento vai ser fotografado na sua entrada e em que são coletados os seus dados para averiguação, tanto de seu crime e periculosidade, como sobre sua reação diante dos demais detentos e daqueles para com este. Daí a necessidade do isolamento, existindo ao lado uma sala que é a do setor jurídico, responsável por receber advogados e transferir processos destes aos detentos, bem como, regulamentar suas visitas. À frente outra sala que funciona como forma de organizar a recepção das visitas e transmitir chamados de detentos à direção da Penitenciária. Na continuação, em uma sala, mais ao fundo, funciona uma recepção que atende as pessoas em geral e os detentos que desejam falar com os diretores, a sala ao lado das secretarias dos diretores. Por último, um setor mais importante em se tratando de espaço oficial, o setor de sonoro que, à época estava sob comando dos tenentes Guilherme e Sebastião, sendo aí por onde passam todas as decisões relacionadas, tanto a Penitenciária Agrícola, como a Máxima, daí é que saem as convocações para os apenados irem até a direção. Este setor também é responsável pela transmissão de informações e pela organização da recepção das visitas. Há, neste setor, uma cozinha com funcionamento exclusivo para diretores e funcionários, servindo-lhes, além das três refeições, café e chá aos funcionários e visitas (exceto às quartas-feiras e aos domingos).

À frente da direção funciona a cozinha dos apenados, tanto da favela, como de alguns do seguro e albergados (opcional apenas o café da manhã, já que o jantar é servido antes do retorno destes), então às 6:30 é servido pão, produzido na oficina de panificação, com manteiga e café. Após o que os detentos ficam soltos ou têm trabalho específico no seguro. Às 11:30 é servido o almoço com feijão, arroz, por vezes macarrão e verduras, caso se tenha na chácara, e carnes, vindas da COZIPE (Cozinha Penitenciária). Por volta das 15:30 é servido o jantar para posterior recolhimento aos pavilhões, daí a necessidade dos apenados buscarem outras maneiras de se alimentarem até a hora da outra refeição. Questão que, no geral, é resolvida a partir do recurso à parentes ou através das compras internas que custam muito caro.

A “comida do governo” é servida através de uma grade que separa a cozinha da favela, havendo em sua extensão uma outra grade, em tamanho maior, por onde passam as visitas do seguro para a favela, esta é composta por mais sete pavilhões todos divididos em dois blocos A e B. Alguns são organizados por dois detentos, um de cada lado, outros por apenas um detento. O primeiro pavilhão, ainda próximo ao portão de segurança, é o pavilhão coletivo 1 (ou pavilhão 3 se iniciarmos a contagem considerando os pavilhões do seguro e da favela), é o chamado pavilhão especial (referência mais comum). Este se destina, em sua grande maioria, aos detentos mal vistos, aqueles que tendem mais a subir, no sentido da direção, que descer, no sentido dos

apenados, tanto a partir de uma percepção arquitetônica como cultural, embora haja suas exceções. Mas, prioritariamente, é onde ocorre a execução de estupradores, em suas esquinas e mini-ruas - referência aos espaços que dividem os pavilhões, já que no imaginário apenado o prédio se faz cidade, as celas casas, o pátio ruas com suas esquinas. Os pavilhões 2 e 3 são coletivos, ou seja, possuem vários detentos em uma mesma cela, geralmente pessoas conhecidas ou parentes em número variado, dividindo o mesmo espaço, por vezes pertences e até alimentação. O pavilhão 4 se constitui na “Mística dos assaltantes”.

Há um tipo de hierarquização entre os detentos que se orienta pela localização destes nos espaços da Penitenciária. Onde se aplica a lógica que vai dos pavilhões individuais até chegar ao último pavilhão, o de número 7. A cela de cada detento, também, passa por esse tipo de hierarquização já que, principalmente, no caso das celas individuais elas têm um custo financeiro para o detento que a ocupou a partir da compra ou aluguel, especulado por um detento mais antigo, constitui-se na principal posse do detento. Assim a cela 10, assume grande importância, tanto em sentido arquitetônico como cultural, localiza-se junto ao campo de futebol, no interior do pavilhão 7, onde, principalmente pelas manhãs, tem bate-bola e são discutidos os principais assuntos referentes aos detentos, de forma mais geral. Resta ainda destacar os muros, que na parte superior ao campo são dois, e que entre esses se realiza criação de ovelhas e cultivo de pasto para alimentação destas, atividade desenvolvida por detentos em benefício da direção. Acima desses muros localizam-se guaritas que contém, ou não, agentes de vigilância e arames farpados, além de fios de alta tensão que objetivam evitar fugas por cima destes.

Sob função tripla: produtiva, simbólica e de adestramento é que as Instituições Carcerárias, na modernidade, vão ser balizadas idealmente, entretanto, vai se observar que, na prática, a função produtiva não atinge a expressividade das outras duas, que articuladas possibilitam o “funcionamento” do sistema. A isso, atente-se para o fato de que esse “pseudofuncionamento” se efetiva a partir de articulações outras, mais importantes que o saber/poder disciplinador e normativo, que são estabelecidas com base em condições externas às estratégias institucionais, por meio de dispositivos táticos que transformam as relações de poder em uma complexa rede movida por interesses que fogem ao controle do sistema normativo oficial.

Em 1810 é instituído o código penal, em 1838 são reformados os sistemas prisionais sob uma organização que pretende funcionar adestrando e controlando pela sujeição do corpo e da mente. A técnica penitenciária (de funções acumulativas) se aprende, se transmite e se prolifera. Parafraseando Foucault (2008), o séc. XIX torna legítimo o poder das Instituições em punir e

disciplinar através de um método “racional” e homogeneizador, aplica-se a “Arte de Punir” (Foucault, 2008).

Assim, a história do procedimento penal tem como aspecto demarcador a gênese de um saber sobre a anomalia, a insurreição dos saberes “dominados”, bem como, a crítica efetiva ao Manicômio e a Prisão que as organizações funcionais tentam mascarar.

Com base no que nos diz Foucault (1979:171) sobre essa questão temos que, o processo de luta e utilização do saber nas táticas “anti-ciência” insurge-se não tanto contra os conteúdos, métodos e conceitos, mas contra tudo que obscurece os efeitos do poder através de um discurso “científico organizado”. A genealogia liberta da sujeição os saberes históricos, tornando-os instrumentos contra as coerções de um discurso científico e suas hierarquizações, que faz emergir seus efeitos de poder, a genealogia é tática a partir da discursividade local que ativa os saberes que são exercidos em sua forma prática, burlando a forma estratégica diária, e por entre essas, produzindo formas que viabilizem a sobrevivência e possam trazer melhorias para as condições de estadia e manutenção do apenado.

O discurso oficial, respaldado na cientificidade moderna, pretende se instituir neutralizando a oposição do dominado, utilizando-se de técnicas próprias ao interior institucional, através de uma “mecânica capilar do poder”, que controla corpos, gestos, atitudes, vozes, em um regime “sinóptico de poder” (cf.Foucault, 1979:131); de exercícios plurais e microscópicos, garantindo a manutenção e reprodução da relação de força, essencialmente repressiva. Portanto, em sintonia com o que afirma Foucault (1979:176), se torna mais viável pensar a Instituição Penitenciária evitando os romantismos das concessões e evidenciando os combates efetuados em seu interior, já que “poder é guerra”.

A pesquisa que estamos desenvolvendo segue, portanto, um movimento narrativo determinado, visa a reinscrever esta relação de forças nas Instituições Penitenciárias e a política de “sansão-punição”, produzida no interior das relações entre apenados, que atua como prática reprodutora do desequilíbrio em nível interno. Assim, ousamos nos colocar como o “olho” e o “ouvido” dos combates cotidianos que se dão no interior do sistema carcerário do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, cômicos de que “sempre se escreve a história da guerra mesmo quando se escreve a história da paz e das Instituições” (Foucault, 1979:176), focalizando a inevitável reivindicação do corpo social (os apenados) contra o poder institucional e os modernos métodos (asépsia) de controle, disciplina e homogeneização comportamental (cf. Foucault, 1979:145).

A Instituição penitenciária é por nós pensada como espacialidade que se move pelos combates que se dão através dos confrontos e tensões, ocultados por um discurso

estrategicamente eficaz e com efeito político, necessário a sua manutenção, buscando-se assim decifrar metáforas e estratégias, saber os pontos em que os discursos se transformam em relações de dominação.

Portanto, nossa intenção é fazer uma história dos espaços, que seria, ao mesmo tempo, aquela que diz respeito à ação do poder institucional sobre estes, estudando desde as estratégias geopolíticas até as táticas do habitar na arquitetura institucional, que passe pela percepção da implementação econômico-político no sistema e faça emergir as várias identidades apenas que dão “liga” às relações no interior do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*.

Mas, que em instância prática se configura numa maquinaria que impede a identificação do titular do poder, sujeitos e lugares estão em constante mudança, então a questão do poder não pode ser colocada exclusivamente em termos institucionais. Aprioristicamente, podemos dizer que o poder é mais complicado, denso e difuso, permite hierarquias, enquadramentos, inspeções, condicionamentos e adestramentos, em uma rede piramidal, onde o ápice não exerce exclusivamente o poder, que está distribuído por toda a pirâmide, inclusive em sua camada inferior, que se faz “produzida” no interior dos compartimentos analisados, no caso específico em análise: as espacialidades física e simbólica que dão contorno ao cotidiano apenas no interior do *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*. Então, vejamos o que nos diz um dos apenas que nos concedeu entrevista, Severino dos Ramos de Lima, conhecido como “Raminho”:

O que o preso deve pôr na cabeça dele é que certas coisas que eram válidas pra ele aqui fora, lá dentro já não vale nada, tem que aprender a viver sem certas coisas, ele tem que aprender a viver sem uma comida bacana; ele tem que aprender a viver sem uma palavra de amor, de carinho, todos os dias no pé do ouvido; ele tem que aprender a viver sem filhos, sem mulher; ele tem que ter consciência cara de que ele é um preso, de que ele é um preso e com o passar dos anos o cara vai perdendo o vínculo com a família e com os amigos e ele acaba adquirindo uma personalidade que ele nunca sonhou ter, ele nunca sonhou ser aquilo, o cara pode até desenvolver os instintos mais baixos que um ser humano pode ter, sabe cara, pode até acontecer isso (trecho de entrevista realizada com Severino dos Ramos de Lima, “Raminho”, agosto de 2007).

Portanto, interessa-nos perceber que no interior do cárcere a vida de cada detento depende, principalmente, dos “olhares” que sobre ele são lançados ou, mais propriamente, de como este constrói sua “identidade apenas” que vai servir-lhe para distribuir-se, classificatoriamente, entre detentos bem-vistos e mal-vistos, organizando o sistema espacial e simbólico. Ele precisa tomar consciência de sua condição de “preso”, afastando-se de exigências

e ligações afetivas que tinha na sua antiga vida (fora do sistema carcerário). É um outro sistema que precisa ser apreendido, conforme destacou anteriormente “Raminho”.

Compreensão que, como podemos observar no conjunto das entrevistas e conversas informais que tivemos com outros apenados, encontra-se bastante disseminada no interior do Presídio.

BIBLIOGRAFIA

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das trocas simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**, 5ª ed., Petrópolis: Vozes, 2000 (vol.1).
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**, 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 2002 (vol. 2).
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**, Lisboa: Difel, 1990.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e abusos da história oral**, 5ª ed., São Paulo: FGV, 2002.
- FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão** (um caso de parricídio do século XIX apresentado por Michel Foucault), Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 23ª ed., Rio de Janeiro: Graal editora, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**, 33ª. ed., Petrópolis-RJ: Vozes, 2008. (1979)
- GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa**, Petrópolis: Vozes, 2001.
- GOOFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**, São Paulo: Perspectiva, 1996.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-modernidade**, 11ª ed., Editora DP&A, 2006.
- MORRIS, Terence. **Desvio e Controle- A heresia secular: A ordem social e como ela é imposta**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar editores, 1978.
- OLSON, David R. & TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**, São Paulo: Ática, 1995.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres, prisioneiros**, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

FONTES

1. Entrevista realizada com Severino dos Ramos Lima, “Raminho” em agosto de 2007.
2. Entrevista realizada com Aldo Riccelli em agosto de 2007.
3. Entrevista realizada com o diretor do presídio em agosto de 2007.
4. Fotografias cedidas pela direção do Presídio.
5. Fotografias feitas *in loco*.
6. Registro cartorial da edificação do Presídio.
7. Anotações realizadas a partir das observações que fizemos nas visitas periódicas ao *Presídio Regional Agrícola do Serrotão*, iniciadas em junho de 2007 e encerradas em maio de 2008. Neste período, além de dialogarmos com os apenados de maneira geral, dialogamos com os detentos das celas do “isolado” e da “favela”.